

INSERÇÃO NA VIDA ACTIVA DE LICENCIADOS: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS E PROFISSIONAIS

Mariana Gaio Alves

Resumo Pretende-se dar conta de um trabalho de investigação sobre inserção na vida activa de licenciados, analisada na perspectiva das relações e articulações entre percursos educativos, formativos e profissionais e processos de construção identitária. Procurou-se sistematizar, neste texto, um conjunto de resultados de pesquisa empírica e de reflexões referentes à construção de identidades sociais e profissionais de recém-licenciados, numa tentativa de contribuir para a explicitação das principais dimensões e factores intervenientes nessa construção.

Palavras-chave licenciados; identidades; inserção.

Apresentam-se alguns resultados de um trabalho de investigação¹ centrado na análise dos processos de inserção na vida activa de jovens diplomados do ensino superior, procurando contribuir para o estudo das relações entre percursos educativos, formativos e profissionais e processos de construção de identidades sociais e profissionais.

Privilegia-se, neste texto, um conjunto de aspectos e resultados da referida investigação relacionados com os processos *de construção de identidades sociais e profissionais de licenciados na fase de inserção na vida activa*. Na medida em que se trata de um estudo exploratório, o nosso objectivo é apenas dar um contributo para a análise das relações entre percursos e construção de identidades, procurando caracterizar sucintamente as dinâmicas identitárias e os principais elementos envolvidos nessas dinâmicas e não pretendendo construir uma tipologia de formas identitárias.

Metodologia da pesquisa

Na investigação foi adoptada uma perspectiva teórica de acordo com a qual importa considerar os processos de construção identitária na fase de inserção na vida activa no quadro da dialéctica entre indivíduo e sociedade. Isto é, importa considerar as *identidades sociais e profissionais como resultantes de uma interacção entre estruturas individuais e estruturas sociais*.

Desta forma, procura-se dar conta, por um lado, dos constrangimentos estruturais inerentes aos sistemas/grupos em que o indivíduo se insere e, por outro, da liberdade e poder conferidos ao sujeito que lhe permitem, em algum grau, alterar ou pelo menos contornar as condicionantes estruturais que o influenciam. Significa isto adoptar um posicionamento de cariz sociológico no

estudo dos processos de construção de identidades sociais e profissionais que não tenha como objectivo único a generalização e o estabelecimento de leis gerais sobre o funcionamento do mundo social, mas permita também “ter em conta e analisar os esforços e as capacidades, os projectos e os intuitos deliberados dos sujeitos ao procurarem forjar, por entre os meandros do labirinto social, a sua própria individualidade e os seus próprios destinos pessoais” (Costa, 1992: 41).

Tendo por base este posicionamento, optou-se, no âmbito desta investigação, por uma metodologia que combina *duas fases de pesquisa empírica*. A primeira, de natureza mais quantitativa, centra-se primordialmente nas variáveis estruturais dos processos de inserção na vida activa e permite identificar tendências generalizáveis ao conjunto de indivíduos inquiridos. Tratou-se de analisar os resultados de um inquérito por questionário lançado em 1994 a diplomados nos cinco anos anteriores de quatro cursos de licenciatura nas áreas de gestão (curso de organização e gestão de empresas do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e curso de gestão de empresas da Universidade do Minho) e de Informática (curso de Engenharia de Sistemas e Informática da Universidade do Minho e curso de engenharia informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa).² Com a análise de dados do questionário, pretende-se caracterizar genericamente os percursos de educação, formação e inserção profissional dos licenciados inquiridos.

A segunda fase do trabalho empírico, de natureza mais qualitativa, permite dar conta da dinâmica do processo de inserção a nível mais pessoal, explicitando as tensões entre condicionantes estruturais e condicionantes/estratégias pessoais dos indivíduos. Para tal, foram analisados os casos de quatro indivíduos licenciados há menos de cinco anos em cursos da área da Gestão de Empresas (três licenciados pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e um pela Universidade Católica Portuguesa — Lisboa) a quem foram atribuídos os nomes fictícios de Miguel, Manuel, Marina e Marta.³ Através do tratamento de dados das entrevistas, pretendeu-se efectuar uma abordagem exploratória dos processos identitários subjacentes ao momento de inserção na vida activa, clarificando os sentidos atribuídos pelos sujeitos aos percursos que vivenciaram.

A construção identitária no contexto dos percursos de educação, formação e inserção profissional

Até uma época relativamente recente, os percursos de inserção profissional e de educação e formação foram vistos como sendo independentes e não coexistentes em termos temporais. Contudo, nos últimos anos, tem-se reconhecido a importância de aproximar “tempos e espaços” de trabalho e “tempos e espaços” de formação, aceitando-se que educação, formação e trabalho podem ser processos concomitantes no tempo e coexistentes no espaço.⁴ Nestas condições, aceita-se que a qualificação profissional se constrói através das aprendizagens em contextos formais de ensino e formação, mas também por meio das aprendizagens noutros contextos, nomeadamente de trabalho.

No caso da população em estudo, os resultados da investigação permitem evidenciar a pertinência da problemática da formação contínua e fazem supor que continuará a ser importante para além dos cinco anos iniciais de profissão. Ou seja, torna-se necessário sublinhar que o percurso de formação dos sujeitos não se encerra com a obtenção do diploma, tendendo a prolongar-se durante a vida profissional dos indivíduos.

Na verdade, verifica-se que, após a licenciatura, mais de metade da população em estudo (50,5%) frequentou formação adicional. O significado deste valor é reforçado se tivermos em conta que 75,5% dos inquiridos afirmam existir conhecimentos e competências que, embora não incluídos na formação académica inicial, são úteis no desempenho da actividade profissional. Estes conhecimentos e competências têm vindo a ser adquiridos essencialmente através da experiência prática (caso de 83,2%), mas também por estágios (51,8%) no local de trabalho ou noutros locais.

Em síntese, seja através de modalidades formais (frequência de formação adicional) ou informais (experiência prática) parece existir a necessidade, por parte dos inquiridos, de construir um percurso de formação paralelo ao percurso profissional, de modo a colmatar lacunas que correspondem a conhecimentos e competências não incluídos na formação inicial, mas que se consideram úteis no desempenho da actividade profissional.

Porém, tal não significa a inadequação das licenciaturas em análise face às funções profissionais que os sujeitos são chamados a desempenhar, mas tão-só a impossibilidade de se transmitirem, nessa formação académica inicial, a totalidade dos conhecimentos e competências considerados úteis no desempenho das actividades profissionais.

Que razões nos levam a afirmar que as licenciaturas não estão completamente desajustadas relativamente aos contextos profissionais de inserção? Em primeiro lugar, a circunstância de cerca de 80% dos inquiridos considerarem que desempenham actividade profissional numa área para que fizeram formação e de cerca de 85% afirmarem utilizar conhecimentos e competências adquiridos na formação inicial no desempenho das suas funções profissionais. Em segundo lugar, importa referir a existência de índices de satisfação relativamente elevados no confronto entre formação académica inicial e funções profissionais na medida em que os inquiridos parecem considerar que essa formação tem permitido ao longo da vida profissional: a "realização pessoal" (para 78,6%), a "progressão na carreira" (para 67,3%), a "mobilidade profissional" (para 58,5%).

Os resultados que vimos apresentando permitem colocar a hipótese de que a procura de formação extralicensatura seja um fenómeno característico dos primeiros anos da vida activa em que se procura estabilizar a inserção profissional. No entanto, para grande parte dos inquiridos (81,6%) existirão outras necessidades de formação no futuro, o que conduz a equacionar a hipótese de que a problemática da formação contínua continuará a ser relevante na análise dos percursos profissionais para além dos cinco anos iniciais de profissão.

Desta forma, para analisar as relações entre percursos educativos, formativos e profissionais é importante considerar que tempos de trabalho e tempos de

formação podem coexistir ao longo do percurso de vida dos sujeitos. Torna-se, assim, possível equacionar a hipótese de que tanto a formação académica inicial quanto a formação contínua são dimensões relevantes a ter em conta no estudo dos processos de construção de identidades sociais e profissionais na fase de inserção na vida activa.

Quer dizer, interessa questionar a importância da formação (formal e informal) ao longo de toda a vida do indivíduo na produção das suas características identitárias. Isto, se admitirmos que “a formação descreve processos que afectam as identidades e a nossa subjectividade” (Josso, 1989: 165), o que implica que, subjacente ao processo instituído de formação, há um outro de transformação pessoal mais profundo, mas menos explícito, que dá um sentido geral ao primeiro.

No domínio dos modelos organizativos de trabalho, algumas mudanças são também identificáveis, interessando questionar as suas implicações nos processos de construção de identidades sociais e profissionais. Com efeito, assiste-se à crítica das concepções tayloristas e à emergência de novos modelos organizacionais nos quais os recursos humanos adquirem um papel mais central, não podendo continuar a ser equacionados como uma “peça mecânica” de determinada linha de montagem. Como sublinham Barbier, Berton e Boru (1996: 17) “Uma das consequências mais duráveis da crise económica e social aberta nos anos 70 é provavelmente a de ter modificado o local e a composição do factor humano na combinação dos grandes factores de produção.”

Esta importância acrescida que os recursos humanos vêm assumindo nas organizações de trabalho implica o alargamento das exigências que lhes são feitas pelos empregadores em matéria de desempenho profissional, pois, neste contexto, não importa apenas dominar os conhecimentos técnicos necessários para desempenhar determinada função profissional.

As capacidades relacionais e competências socioafectivas,⁵ que resultam de processos de desenvolvimento pessoal⁶ e estão ligadas a processos de socialização, tornam-se imprescindíveis para que os recursos humanos adquiram um papel central nos actuais contextos de trabalho marcados pelo carácter precário e transitório dos saberes, pela complexificação crescente das tarefas e pela não compartimentação entre diferentes serviços e especialistas. Quer dizer, considera-se actualmente que a qualificação profissional engloba capacidades e conhecimentos técnicos, mas também outro tipo de competências e capacidades relacionadas com as dimensões sociais e afectivas do comportamento dos indivíduos.

No caso da população em estudo, as capacidades não técnicas não são integradas espontaneamente como uma área de formação, considerando-se que a sua aquisição e desenvolvimento ocorre sobretudo através da experiência prática (como afirmam 88,4% dos inquiridos). Contudo, quando questionados acerca das competências não técnicas mais exigidas ao longo da vida profissional, os inquiridos identificam, a partir de uma listagem, diversas competências.

Ainda procurando identificar as características dos processos e contextos de inserção profissional que podem ter reflexos na construção identitária da população em estudo, é necessário ter em conta o crescimento acentuado do número de licenciados na população activa, com a consequente diminuição de vantagens na

Quadro 1 Distribuição dos inquiridos segundo as competências que consideram ter sido mais exigidas ao longo da vida profissional

Lista de competências	Inquiridos (%)
Responsabilidade	65,1
Capacidade de iniciativa	45,6
Capacidade de trabalho em equipa	32,9
Adaptabilidade	26,9
Capacidade de expressão oral e escrita	22,1
Criatividade	19,8
Autonomia	19,5
Capacidade de argumentação	13,9

Quadro 2 Perfil-tipo do licenciado na área de informática e do licenciado na área de gestão

Licenciados em informática	Licenciados em gestão
ocupam-se sobretudo em actividades de auditoria;	ocupam-se sobretudo em actividades profissionais relacionadas com a formação profissional;
protagonizam uma maior procura de formação;	frequentam menos formação pós-licenciatura;
protagonizam uma maior facilidade em encontrar e mudar de emprego;	têm maiores dificuldades em obter e em mudar de emprego;
originários de estratos sociais mais elevados;	originários de estratos sociais menos elevados;
maioritariamente homens.	maioritariamente mulheres.

obtenção de emprego⁷ e diversificação das funções profissionais desempenhadas por estes sujeitos. Esta situação pode obrigar a uma redefinição dos traços considerados distintivos e característicos da identidade profissional do diplomado de ensino superior. Para além disso, a vivência de situações de desemprego e de emprego precário é susceptível de afectar a construção identitária na medida em que fragiliza os futuros profissionais e dificulta a concretização de projectos e aspirações.

No caso da população em estudo, mais de metade dos inquiridos (56,8%) afirmam não ter sentido obstáculos na obtenção de um emprego, por oposição a 42,2%, que dizem ter sentido essas dificuldades. A identificação de obstáculos na obtenção de emprego assume diferentes expressões consoante se trate de um licenciado ou de uma licenciada (no grupo feminino 48,6% sentiram estes obstáculos e no grupo masculino o mesmo valor é de 36,2%), de um diplomado em informática ou em gestão (nos cursos de Engenharia Informática e Engenharia de Sistemas e Informática o grupo dos que afirmaram a existência de obstáculos na obtenção de emprego é de 24,1% e de 28,8%, respectivamente, sendo este grupo maior em gestão de empresas — 46,8% — e em organização e gestão de empresas — 55,0%).

Aliás, de um modo geral, a análise de resultados do questionário permitiu evidenciar a importância de variáveis como o sexo, a origem social e a área de

licenciatura (gestão ou informática) na análise quer dos percursos profissionais e de formação, quer de opiniões e representações sobre as relações entre formação e emprego. Neste sentido, torna-se possível sintetizar as principais tendências identificadas sob a forma de perfis-tipo do licenciado de cada uma destas áreas, não pretendendo com este procedimento construir um retrato fiel de cada um dos licenciados em gestão e informática inquirido.

Inserção na vida activa e dinâmicas identitárias

A inserção na vida activa corresponde a um momento do percurso dos sujeitos que apresenta especificidades e particularidades, nomeadamente tratando-se de uma fase em que um conjunto de mudanças, não apenas no campo profissional, afecta o indivíduo, transformando-o e tornando-o “adulto”. Não se trata apenas de transitar do contexto escolar para o contexto profissional, descobrindo e afirmando a capacidade de ocupar uma posição no mercado de trabalho e uma posição enquanto cidadão, pois inserir-se na vida activa significa, em sentido amplo, um processo que implica e transforma as identidades alterando as categorias pertinentes de identificação social.

Na verdade, os dados da nossa investigação permitem perceber que a inserção na vida activa transforma as identidades, sendo vivenciada frequentemente como um “choque” que envolve sentimentos de insegurança, implicando uma avaliação das capacidades pessoais e um reequacionar da identidade que assumem (identidade para si). Neste sentido, o momento de inserção na vida activa tem consequências ao nível dos projectos profissionais e das aspirações e expectativas profissionais e sociais.

Tu vais para lá como a senhora doutora e não te sentes nada assim, pelo menos eu não, lá por me chamarem assim, eu não me sentia nada, porque achava que sabia menos do que certas pessoas que estavam ali que nem curso tinham.

[Marina]

Os objectivos que eu tinha também são completamente diferentes dos que tenho agora (...) o curso tornou-me mais ambiciosa em termos de carreira...

[Marta]

Alguns sujeitos identificam alterações, ao nível da imagem para os outros, na sequência da obtenção do diploma de ensino superior e da transição para vida activa.

As pessoas começam a tratar-nos de outra forma, algumas pessoas.

[Manuel]

Assim, o momento de inserção influi, também por essa via, no processo de construção identitária, no qual tem um lugar importante o confronto entre a identidade

assumida pelo indivíduo — identidade para si — e a identidade que lhe é atribuída por outros — identidade para outros — que são dois elementos indissociáveis mas de articulação problemática (Dubar, 1991: 112). Para outros autores, a importância desta dimensão de confronto com outros decorre da circunstância de facilitar um duplo processo que é fundamental para a construção de identidades sociais e que combina a identificação (constatação de diferenças relativamente a outros grupos e indivíduos) com a identificação (constatação de semelhanças relativamente a outros grupos e indivíduos) (Tap, 1986: 12, e Pinto, 1991: 218).

Os resultados da investigação permitem, ainda, detectar indícios de que a inserção na vida activa não apenas transforma as identidades, mas também é influenciada pelas dinâmicas identitárias. Por exemplo, há um conjunto de aspirações e expectativas ligadas ao trabalho por conta própria que orienta a escolha de uma ocupação profissional no caso de Manuel, inserindo-se esta escolha numa estratégia com vista à concretização de um projecto profissional no qual o exercício do trabalho por conta própria tem uma importância crucial na definição da identidade profissional e social.

Eu mesmo antes de entrar no curso, tinha um objectivo e fui sempre nessa direcção.
[Manuel]

Com efeito, a escolha de uma ocupação profissional no momento de transição para vida activa põe em causa elementos diversos, desde a conjuntura económica, que facilita ou dificulta a obtenção de emprego, passando pela articulação entre diplomas e modos de organização do trabalho, até elementos específicos de cada sujeito, que se relacionam com o seu autoconhecimento e com a afirmação identitária de si. Esta última vertente envolve: valores que remetem para uma explicitação daquilo que os indivíduos querem obter do seu trabalho; actividades preferidas, isto é, actividades de trabalho preferencialmente escolhidas pelos indivíduos como meios de obter aquilo que querem do seu trabalho; e capacidades relacionadas com as qualidades pessoais de cada um e com a forma como se enquadram nos diferentes tipos de trabalho (Boreham e Arthur, 1993: 7).

Assim sendo, uma parte dos problemas sentidos na fase de inserção e na indecisão relativamente à escolha de uma ocupação profissional podem explicar-se pela inexistência de uma identidade profissional claramente definida no quadro da qual seja possível identificar valores, actividades preferidas e qualidades pessoais.

Na estruturação dessa primeira identidade profissional, assim como nas transformações identitárias ao longo do percurso de vida do sujeito, os momentos de crise e reestruturação são motivados por inaptações pessoais (factores individuais e estratégicos), mas também por mudanças societárias e económicas (factores estruturais) (Tap, 1986: 19). Ou seja, a estruturação de uma primeira identidade profissional depende não só das características do contexto de inserção, mas também da forma como este é vivenciado e apropriado pelos indivíduos.

A título ilustrativo, referenciem-se os casos de Marina e Manuel, para quem a existência de um contexto de crise económica generalizada é uma condicionante

estrutural vivenciada e apropriada por cada um destes indivíduos de uma forma radicalmente diferente. Na verdade, no caso de Marina o contexto de crise económica é visto como um dos motivos para os momentos de insatisfação e inadaptação vividos ao longo do percurso profissional, enquanto para Manuel o mesmo contexto constitui um obstáculo a contornar para a concretização do seu projecto profissional.

Entretanto veio a crise (...) a pessoa não pode investir aquilo que teria de investir para as empresas evoluírem (...) nessa altura com um bocadinho de sorte colocou-se a hipótese de eu ser sócio.

[Manuel]

Também no que diz respeito às características do contexto de inserção é de notar que, na actual conjuntura social e económica, os diplomados do ensino superior começam a sentir dificuldades na obtenção de um emprego estável, evidenciado um decréscimo das vantagens comparativas de que beneficiavam nos anos 60. Um estudo recente conclui que no contexto português os diplomados do ensino superior não se têm confrontado com altos níveis de desemprego (Batista, 1996: 79), apesar do crescimento acentuado do número de licenciados nos últimos anos.

No entanto, se se mantiver a tendência prospectivada no sentido do aumento do número de diplomados do ensino superior⁸ e se se agravarem as possibilidades efectivas da sua absorção no mercado de emprego, consideramos possível a emergência de um contexto em que as dificuldades de inserção destes diplomados sejam crescentes, originando algumas rupturas nos seus processos de estruturação identitária.

Neste cenário, a existência de um movimento de aumento da escolarização a nível do ensino superior, não sendo acompanhado de avanços claros em termos de inovação organizacional, pode originar contextos de trabalho que deslegitimam saberes, disposições e aspirações construídas durante o percurso escolar, podendo ter, no “plano da construção de identidade, um efeito globalmente regressivo” (Pinto, 1991: 224).

As dimensões educação/formação e trabalho/emprego na construção identitária

O momento de inserção na vida activa e de primeiro confronto com o mercado de trabalho corresponde, então, a um fenómeno com múltiplas dimensões (profissionais mas também pessoais e sociais), que implica e transforma as identidades, alterando as categorias pertinentes de identificação social.

Mas que factores e dimensões interferem nos processos de construção de identidades sociais e profissionais na fase de inserção na vida activa?

A abordagem de situações de educação, formação e trabalho com base nas identidades decorre do reconhecimento de que nesses contextos não se trata só de

transmitir ou de aprender conhecimentos ou ainda de produzir bens e serviços, mas estão em causa processos de construção identitária que passam pela construção de representações de si, dos outros e da situação, e pelo desenvolvimento de saberes, capacidades e atitudes.

Significa isto, que no exercício de actividades concretas (sejam elas de trabalho, ensino ou formação) se assiste à mobilização de componentes identitárias, a qual tem por efeito a modificação dessas mesmas componentes identitárias, ou seja, o exercício destas actividades “deixa `traços’ que, uma vez apropriados, integrados no seio de personalidades individuais e/ou colectivas, têm um lugar essencial nas transformações identitárias e na produção, nomeadamente, de identidades socioprofissionais” (Barbier, Berton e Boru, 1996: 19).

Os resultados da nossa investigação permitem afirmar a importância desta estruturação mútua entre situações de educação, formação e trabalho, por um lado, e processos de construção identitária na fase de inserção na vida activa, por outro lado. Na construção de identidades sociais e profissionais é, assim, necessário considerar pelo menos duas dimensões: a dedução/formação e a de trabalho/emprego.

No que diz respeito à dimensão educação/formação, é importante ter em conta não apenas a passagem pelo sistema de ensino inicial, mas também a frequência de formação contínua, a qual, de acordo com os resultados obtidos, tende a ser uma realidade para cerca de metade (50,5%) dos inquiridos neste estudo.

Na verdade, é possível afirmar, a partir dos resultados da nossa investigação, que a obtenção da licenciatura tem influência ao nível das dinâmicas identitárias seja porque, como vimos anteriormente, modifica a auto-imagem (identidade assumida por si) e a imagem para os outros (identidade atribuída por outros), seja ainda por contribuir para a existência de um primeiro conjunto de aspirações, representações, saberes e atitudes sobre o mundo do trabalho que influi na definição de uma primeira identidade profissional.

Se eu não tivesse frequentado o ensino superior, acho que a minha atitude profissional seria outra.

[Marta]

É ainda possível ilustrar, a partir do caso de uma das nossas entrevistadas — Marta —, um modo de interferência da formação contínua na definição da identidade profissional, pois a formação promovida pela empresa em que trabalha parece contribuir para que a entidade empregadora se constitua como uma referência importante nas suas práticas, representações e aspirações e, nessa medida, nas dinâmicas identitárias.

Assim sendo, considera-se que globalmente o percurso escolar e formativo dos sujeitos tem implicações no campo das dinâmicas identitárias. Porém, para avaliar a relevância da dimensão educação/formação nos processos de construção identitária é necessário salientar também que inversamente o percurso escolar e

formativo é influenciado por aspirações, expectativas e representações que decorrem da dinâmica identitária específica de cada sujeito.

Neste sentido, importa recordar que a própria opção pela frequência de um curso no ensino superior é influenciada, como é possível depreender a partir da leitura e interpretação de dados das quatro entrevistas realizadas, por um conjunto de aspirações e expectativas sociais associadas à(s) identidade(s) social(ais) herdada(s) pelos sujeitos do(s) seu(s) grupo(s) de pertença e de origem social.

Lá em casa, em termos familiares, também havia muito aquela ideia “tens que te formar, deves-te formar”, foi o destino normal.

[Miguel]

Os meus pais sempre tiveram tenções que eu fizesse um curso superior. Não quer dizer que eu tenha sido obrigada a isso, não! Mas eu sempre pensei nisso... com o 12.º ano eu não era nada (...) sempre pensei que só terminaria quando chegasse a um curso superior.

[Marina]

Nunca se pôs a hipótese de não fazer um curso (...) era normal... assim como acaba o 9.º ano e vais para o 10.º, quando acaba o 12.º inscreves-te na universidade.

[Marta]

É interessante notar, a partir destas citações, como a frequência do ensino superior não é efectivamente entendida como uma opção no quadro de diversas alternativas possíveis de percurso escolar e profissional, mas sim como o destino “normal” e “natural”. Os sujeitos adoptam assim uma forma de descrição e interpretação do seu percurso escolar e profissional em que a opção pelo ensino superior surge como um elemento inquestionável.

Nos processos de estruturação identitária da população em estudo é importante considerar ainda uma segunda dimensão — a dimensão trabalho/emprego — e, no quadro desta dimensão, analisar diversos aspectos desde a facilidade/dificuldade na obtenção de um emprego estável até às características dos contextos de trabalho dos sujeitos. Da mesma forma, elementos de caracterização objectiva dos percursos profissionais dos sujeitos podem ser vistos simultaneamente como influenciando nas dinâmicas identitárias e como resultantes de alguns aspectos das dinâmicas identitárias.

Na verdade, determinadas opções ao longo do percurso profissional têm de ser enquadradas quer num conjunto de aspirações e expectativas que remetem para dinâmicas identitárias, quer num conjunto de condições objectivas efectivamente disponíveis. Isto pode verificar-se nomeadamente a partir dos dados apurados no inquérito por questionário aplicado, dos quais seleccionámos um exemplo ilustrativo.

Analisando a situação dos inquiridos na profissão no momento em que responderam ao questionário, verifica-se que 65,9% dos que trabalham como “patrões” têm pais que são “empresários da indústria e do comércio”. A iden-

tificação desta tendência permite colocar a hipótese de que o facto de os pais dos inquiridos exercerem a sua actividade profissional como empresários poderá influenciar estratégias e oportunidades dos inquiridos no sentido de se inserirem profissionalmente como trabalhadores por conta própria ou como empresários.

Inversamente, a forma como decorre e se estrutura o percurso profissional dos indivíduos não deixa de influenciar as suas dinâmicas identitárias. Refira-se, a título ilustrativo, o caso de uma das nossas entrevistadas — Marina — para quem a vivência de diversas situações de instabilidade e insatisfação no domínio profissional tem vindo a condicionar as atitudes e aspirações face à vida profissional, contribuindo para uma configuração de identidade profissional de base que se adivinha bastante diferente da construída pelos outros entrevistados.

Um percurso marcado pela instabilidade e pela insatisfação (como o de Marina) dificulta a construção de uma identidade profissional de base que lhe permita projectar-se no futuro, antecipando uma lógica de emprego, sendo claro que, de algum modo, a exclusão faz parte das suas primeiras experiências profissionais e tende a incorporar-se na sua identidade profissional. Assim, no caso desta entrevistada, os planos para o futuro profissional não deixam antever uma identidade profissional que os defina e oriente, resumindo-se essencialmente à necessidade de ultrapassar a situação actual de instabilidade e insatisfação.

Na primeira oportunidade que me surja, desde que eu veja também que não é uma coisa detestável, mudo para outro sítio.

[Marina]

Construção identitária e trajectória pessoal e social

Os resultados da nossa investigação permitem perceber que os efeitos identitários das situações de educação, formação e trabalho só podem ser plenamente compreendidos se tivermos em conta a trajectória pessoal e social do indivíduo. Assim, consideramos pertinente identificar, nos processos de construção identitária, uma terceira dimensão — pessoal/social — para além das já referidas dimensões.

Noutros termos, trata-se de sublinhar a importância de enquadrar as situações de educação, formação e trabalho na globalidade da vida dos sujeitos e de salientar a relevância da introdução de uma perspectiva diacrónica na nossa análise. É que, ao longo de toda a trajectória do indivíduo, verifica-se uma negociação identitária entre os sistemas sociais em que o sujeito se integra — que atribuem uma identidade virtual ao indivíduo — e as trajectórias vividas — que delimitam a identidade real do indivíduo (Dubar, 1991: 116-117).

No âmbito da terceira dimensão — pessoal/social — importa salientar que a pertença do sujeito a determinados grupos sociais e sexuais influi nas opções e escolhas que configuram o seu percurso escolar, formativo e profissional. Por exemplo, identifiquem-se as diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito aos obstáculos na obtenção de um emprego e no recurso à formação contínua: mais mulheres do que homens afirmam a existência de obstáculos na

obtenção de emprego (48,6% das mulheres inquiridas para 36,2% dos homens inquiridos) e a frequência de formação pós-licenciatura é mais comum entre os homens do que entre as mulheres (o valor de não frequência de formação pós-licenciatura é de 51,0% no grupo das mulheres e 45,8% no grupo dos homens).

Podemos avançar uma explicação para estes resultados considerando a existência de diferentes atitudes e graus de envolvimento face ao emprego e ao trabalho por parte dos dois grupos sexuais, em consequência da existência de dinâmicas identitárias distintas para homens e mulheres. Porém, inversamente, a vivência de percursos distintos para uns e outras reflecte-se na estruturação identitária, contribuindo para a manutenção da diferenciação identitária entre os dois grupos.⁹

Para além disto é de salientar, no âmbito desta terceira dimensão, que a pertença aos mesmos grupos sexuais e sociais assume significados diferentes para cada sujeito, em função da trajectória vivenciada (incluindo os grupos em que se inseriu ao longo dessa trajectória) e da trajectória projectada para o futuro (incluindo os grupos nos quais espera e/ou ambiciona vir a integrar-se).

Significa isto que a especificidade da trajectória e da dinâmica identitária de cada um se constrói progressivamente, a partir do confronto do sujeito com outros sujeitos e no quadro dos diferentes grupos (sociais, sexuais, mas também etários, culturais, étnicos, regionais, etc.) a que o sujeito vai pertencendo sucessiva e simultaneamente. É neste sentido que se pode afirmar que o trabalho identitário é um trabalho de produção da individualidade, o qual se efectua na acção e através de experiências significativas.

As dinâmicas identitárias que influem e são influenciadas pelas situações de educação, ensino e formação só se tornam, então, plenamente compreensíveis no contexto das histórias individuais e da globalidade da vida de cada sujeito. Este contexto permite, por um lado, compreender a construção identitária enquanto processo de inter-relação entre as diferentes pertenças grupais do sujeito ao longo da sua trajectória e, por outro, perspectivar a identidade enquanto resultante de um conjunto amplo de dimensões diversas (desde a identidade sexual, à identidade etária, cultural, etc.).

Quer dizer, concebemos a identidade social como uma identidade geral que resulta de uma multiplicidade de dimensões, ou identidades especializadas (sexual, etária, étnica, cultural, política, profissional,...), que se combinam e articulam de múltiplas formas (Dubar, 1991: 104). Deste modo, é possível admitir que as alterações numa ou noutra dimensão tenham reflexos e implicações ao nível da identidade geral. A este propósito, Sainsaulieu (1996: 201) salienta que, "em períodos de mobilidade profissional acelerada, a identidade social é profundamente perturbada".

A partir da leitura e interpretação de dados das entrevistas, é possível identificar as especificidades do percurso e da dinâmica identitária de cada entrevistado, sendo que por vezes esse percurso se encontra fielmente retratado no quadro de caracterização geral que os resultados do questionário permitem traçar, e outras vezes não.

Por exemplo, observando-se o percurso de Marina temos um caso em que se verificam algumas das tendências de caracterização geral identificadas a partir dos resultados no questionário no que se refere ao facto de se tratar de um indivíduo do sexo feminino em que as dificuldades na obtenção de um emprego estável têm sido notórias e inexistente o recurso à formação pós-licenciatura. Mas já o caso de Marta (que facilmente obteve um emprego estável e cuja carreira profissional tem decorrido com sucesso e pontuada por alguns momentos de formação) não corresponde a este perfil tendencialmente marcado pela exclusão a que se associa uma maioria de elementos do sexo feminino.

Na sequência desta divergência no contacto com o mundo do trabalho, é possível colocar a hipótese de que a dimensão profissional assuma uma importância muito diversa na dinâmica de construção identitária de cada uma destas duas entrevistadas. Na verdade, ainda que as duas raparigas entrevistadas tendam a investir tanto na esfera profissional como na esfera familiar como dois elementos importantes para o seu enriquecimento pessoal, para Marina a dimensão trabalho parece ser relativizada, enquanto na vida de Marta a mesma dimensão assume maior destaque.

Eu não sou nada aquele género de mulher século XXI, que gosta de trabalhar, trabalhar, trabalhar e que se não trabalhar morre (...), a verdade é que eu sei que não me vou sentir realizada, trabalhando das oito da manhã às dez da noite, só porque ganho muito, só porque sou importante, só porque tenho um cargo bom.

[Marina]

De um ponto de vista de princípio eu dou mais importância à minha vida pessoal, aos meus amigos e tudo o resto. Agora de um ponto de vista prático, eu passo a maior parte da minha vida no trabalho (...) eu gostava muito de combater isso.

[Marta]

As especificidades do percurso de cada sujeito decorrem também de alguns serem relatados sob a forma de uma continuidade no sentido da consolidação de uma identidade profissional projectada (caso de Manuel, em que a existência de um projecto profissional prévio ao ingresso no ensino superior justifica a opção pela licenciatura frequentada e as diferentes opções no domínio profissional) ou vivenciados como sendo caracterizados por momentos de ruptura que exigiram ajustamentos e transformações (caso de Miguel, em que as dificuldades de acesso ao ensino superior originaram uma reorientação de projectos e em que a frustração sentida em algumas ocupações profissionais experimentadas condicionou a reorientação do projecto profissional).

Tendo introduzido as três dimensões que nos parecem indispensáveis considerar na análise dos processos de inserção na vida activa de licenciados, importa sublinhar agora que em qualquer uma destas três dimensões (educação/ / formação, emprego/trabalho e pessoal/social) está sempre presente a tensão entre dois níveis: o estrutural e o individual/estratégico. Subjacente a esta afirmação está uma certa forma de inteligibilidade do social (seja no campo pro-

fissional, no domínio da educação e da formação ou noutros), à qual a recolha de informação através das entrevistas permitiu, no quadro deste trabalho, ter de alguma forma acesso.

Deste modo, além das tendências genéricas identificáveis a partir dos dados do questionário, avançam-se alguns elementos relativamente à dinâmica das trajectórias sociais e da construção identitária. Para tal, é importante não esquecer que estas dinâmicas se forjam tendo em conta as tensões e articulações entre condicionantes estruturais e características pessoais e profissionais dos indivíduos.

Na análise dos percursos dos sujeitos, estes dois elementos estão sempre presentes, contribuindo para a progressiva estruturação dos próprios percursos. Refira-se, a título ilustrativo, a história de Miguel, na qual a opção pelo curso superior na área de gestão é resultado do confronto entre factores individuais e estratégicos (o gosto por determinadas áreas disciplinares e a aspiração de obter um diploma de ensino superior) e factores estruturais (área disciplinar dos cursos oferecidos no ensino superior privado e sistema de acesso ao ensino superior).

Nota final

O trabalho de investigação realizado comporta diversos limites e condicionalismos. Desde logo, considerando que a análise de atitudes, opiniões, expectativas, aspirações, representações e práticas dos sujeitos constitui um meio de retirar inferências e interpretações sobre as dinâmicas de construção de identidades sociais e profissionais, é importante sublinhar que através de inquéritos por questionário e de entrevistas estamos a abordar apenas a “afirmação de si” (a identidade assumida pelo sujeito).

Ora, poderá existir uma “dissociação entre o registo dos comportamentos e o dos valores reivindicados” (Weller, 1994: 26), isto é, poderá existir uma dissociação entre as dinâmicas identitárias caracterizadas a partir dos discursos dos sujeitos e aquelas que seria possível explicitar através, por exemplo, da observação das práticas do sujeitos e das suas interacções quotidianas.

Para além disto, a abordagem das identidades apresenta uma outra grande dificuldade resultante do facto de as mesmas corresponderem a uma configuração em permanente reestruturação. Como refere Marc (1996/97: 9), a “construção identitária aparece como um processo dinâmico marcado por rupturas e crises, inacabado e sempre retomado”, o qual se opera desde antes mesmo do nascimento “através dos projectos que os pais constroem e que exprimem valores sociais” (Orofiamma, 1996: 168).

Assim sendo, a investigação realizada tem de ser considerada um estudo exploratório dos processos de construção de identidades sociais e profissionais na fase de inserção na vida activa, procurando dar um pequeno contributo para a caracterização das dinâmicas identitárias e dos principais elementos envolvidos nessas dinâmicas.

Neste sentido, parece-nos que a presente investigação permite, pelo menos, salientar que a dinâmica de construção de identidades sociais e profissionais de

diplomados do ensino superior em fase de transição para vida activa tem de ser equacionada como o resultado da inter-relação entre três dimensões (educação/ /formação, profissão/emprego, pessoal/social), tendo cada uma delas subjacente a tensão entre o nível individual/estratégico e o nível estrutural. Assim, os percursos escolares, formativos e profissionais de recém-licenciados constituem simultaneamente um efeito/resultado e um elemento que influencia as dinâmicas de estruturação de identidades sociais e profissionais.

Notas

- 1 O trabalho de investigação a que nos referimos foi realizado tendo em vista a elaboração de uma dissertação de mestrado em ciências da educação (especialidade de educação e desenvolvimento). Esta dissertação de mestrado, orientada pela Prof. Teresa Ambrósio e realizada com o apoio do Programa Praxis XXI, foi defendida em Julho de 1997 na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.
- 2 O número total de licenciados dos cinco anos anteriores a 1994 (data de aplicação do inquérito) nos quatro cursos de licenciatura considerados é de 1731. A partir da listagem de moradas e telefones de todos os licenciados, seleccionaram-se os indivíduos a quem enviar o questionário com base num intervalo sistemático diferenciado definido para cada curso, porque o número de licenciados e o número de sujeitos a inquirir era diferente consoante o curso. Após confirmação e actualização de moradas foram enviados 600 questionários por via postal, tendo-se obtido 319 respostas.
- 3 Considerou-se adequado seleccionar para entrevista indivíduos licenciados nos últimos cinco anos nas mesmas áreas de licenciatura dos inquiridos através de questionário. Porém, em função do critério possibilidade/impossibilidade de obter contactos para realização das entrevistas, optou-se por seleccionar sujeitos apenas da área de gestão aos quais era possível aceder por meio de um conhecimento pessoal nesse grupo de licenciados. Tendo em conta os resultados do questionário, pareceu-nos interessante seleccionar para entrevista licenciados dos dois grupos sexuais.
- 4 No que diz respeito à aproximação de “espaços” de trabalho e formação, refira-se a constituição de partenariados, isto é, de relações de colaboração e cooperação entre instituições de ensino e formação e outras instituições anteriormente colocadas à margem dos sistemas de ensino e formação e pertencentes nomeadamente ao mundo do trabalho. Quanto à aproximação de “tempos” de trabalho e de formação, importa notar a importância crescente que vem sendo atribuída à formação contínua, ou seja, à necessidade de considerar que os percursos profissional e de formação podem desenvolver-se em paralelo.
- 5 Este tipo de capacidades e competências engloba aspectos como a capacidade de argumentação, de exposição oral e escrita, de relacionamento interpessoal... e pode ter designações diferentes consoante os autores que se têm debruçado sobre este assunto: “competências transversais ou genéricas” (Bernard Liétard,

- Mac Ber, Danielle Casanova...), “atitude de autoformação ou *soft skills*” (Barry Nyhan,...), “competências de terceira dimensão” (Roselyne Orofiamma, Simone Aubrun...); etc.
- 6 Utiliza-se a expressão “desenvolvimento pessoal” no sentido que lhe é atribuído por Le Bouedec (1988: 261), isto é, como “desenvolvimento das capacidades das pessoas” que é indissociável de um processo de “desenvolvimento profissional” entendido como transformação da actividade profissional, visando utilizar os recursos adquiridos de modo a que contribuam para acrescer o potencial global da organização.
- 7 Se durante os anos 60 as vantagens dos diplomados de ensino superior eram evidentes (sob a forma de honorários mais elevados e de maior facilidade e estabilidade no emprego), a partir do início dos anos 70 parece assistir-se a uma diminuição dessas vantagens. Porém, tal diminuição não significa, até ao momento, que os diplomados do ensino superior não continuem a ser uma das categorias menos afectadas pelo desemprego (OCDE, 1993: 100).
- 8 De acordo com uma análise prospectiva (Gago, 1993), o conjunto de diplomados do ensino superior continuará a crescer, passando dos 5,3% da população activa, em 1991, para os 11% ou 12% da população activa, em 2004/5.
- 9 A análise da diferenciação identitária entre homens e mulheres corresponde a um amplo campo de reflexão e debate entre diversos autores tanto no plano das práticas e trajectórias observáveis, como ao nível da análise de concepções e representações. De acordo com Gadrey (1992: 250), existe uma contradição entre estes dois níveis de análise na medida em que “as práticas e representações da esfera do trabalho por parte de homens e mulheres tendem a aproximar-se. Mas as trajectórias e perspectivas de futuro permanecem diferentes, assim como as concepções frequentemente divergentes da hierarquia e do poder, das relações entre trabalho e fora do trabalho e da escolha dos valores susceptíveis de orientar a acção”.

Bibliografia

- Alves, Mariana (1997), *A Inserção na Vida Activa de Jovens Diplomados do Ensino Superior — Contributo para o Estudo das Relações entre Percursos Educativos, Formativos e Profissionais e Processos de Construção de Identidades Sociais e Profissionais*, dissertação de mestrado em ciências da educação/educação e desenvolvimento, Lisboa, FCT/UNL.
- Ambrósio, Teresa (1991), “Da tecnologia social à investigação educativa”, in Stephen Stoer (org.), *Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa — Uma Abordagem Pluridisciplinar*, Porto, Edições Afrontamento.
- Barbier, J.-M., F. Berton e J.-J. Boru (coord.) (1996), *Situations de travail et formation*, Paris, L’Harmattan.
- Barbier, Jean-Marie (1996), “De l’usage de la notion d’identité en recherche, notamment dans le domaine de la formation”, *Education permanente*, 128.

- Batista, Maria de Lurdes (1996), *Os Diplomados do Ensino Superior e o Emprego: a Problemática da Inserção na Vida Activa*, Lisboa, edição do Departamento de Programação e Gestão Financeira do Ministério da Educação.
- Boreham, Nick, e T. Arthur (1993), *Information Requirements in Occupational Decision Making*, ed. School of Education, Manchester, University of Manchester.
- Costa, António Firmino da (1992), *Sociologia*, Lisboa, Difusão Cultural.
- Dubar, Claude (1991), *La socialisation — construction des identités sociales et professionnelles*, Paris, ed. Armand Colin.
- Dubar, Claude (1996), "Usages sociaux et sociologiques de la notion d'identité", *Education permanente*, 128.
- Gadrey, Nicole (1992), *Hommes et femmes au travail — inégalités, différences, identités*, Paris, Ed. L'Harmattan.
- Gago, José Mariano (coord.) (1993), *Prospectiva do Ensino Superior em Portugal*, Lisboa, Instituto de Prospectiva.
- Josso, Christine (1989), "Ces expériences au cours desquelles se forment identités et subjectivité", *Éducation permanente*, 100-101.
- Le Bouedec, Guy (1988), *Les défis de la formation continue*, Paris, Ed. L'Harmattan.
- Marc, Edmond (1996/97), "L'identité personnelle", *Rev. sciences humaines*, 15, fora de série.
- OCDE, 1993, *De l'enseignement supérieur a l'emploi — rapport de synthèse*, Paris, OCDE.
- Orofiamma, Roselyne (1996), "Récits de vie et remaniements identitaires", *Education permanente*, 128.
- Pinto, José Madureira (1991), "Considerações sobre a produção social de identidade", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 32.
- Sainsaulieu, Renaud (1996), "L'identité et les relations de travail", *Education permanente*, 128.
- TAP, Pierre (coord.) (1986), *Identité individuelle et personnalisation*, Toulouse, ed. Privat.
- Weller, Jean-Marc (1994), "Le mensonge d'Ernest Cigare. Problèmes épistémologiques et méthodologiques à propos de l'identité", *Sociologie du travail*, 1/94.